

A INFLUÊNCIA DO COLONIALISMO PORTUGUÊS NA LITERATURA MOÇAMBICANA

Crislane Alves Ferreira Sousa ¹

Luís Tomás Domingos ²

RESUMO

A formação da literatura moçambicana ocorreu de forma lenta e persistente, trazendo, em seu contexto, a cultura e a história desse país, tendo sido a imprensa um considerável veículo de divulgação em todo este período. Dessa forma, é importante conhecer os aspectos da formação desse sistema literário e alguns de seus principais autores e obras, desde seu início, no final do século XIX, passando pelo fortalecimento do sentimento de moçambicanidade na primeira metade do século XX, até a sua consolidação como literatura nacional em 1975 e no pós-independência. Assim, será possível compreender quais são as influências deixadas pelo colonialismo na literatura de Moçambique, trazendo os paradoxos e complexidades de difusão dessa literatura – seja porque ela era escrita na língua do colonizador, seja pela divergência de opiniões existentes entre os próprios autores acerca do colonialismo.

Palavras-chave: Colonialismo. Fortalecimento. Literatura Moçambicana. Moçambicanidade.

ABSTRACT

The formation of the Mozambican Literature took place slowly and persistently, bringing in its context the culture and history of that country, with the press being a considerable vehicle for dissemination throughout this period. Thus, it is important to know the aspects of the formation of this literary system, some of its main authors and works, from its beginning to the end of the 19th century, through the strengthening of the feeling of Mozambicanity in the first half of the 20th century, until its consolidation as national literature in 1975 and post-independence. Thus, we can understand the influences left by colonialism in Mozambique's literature, bringing the paradoxes and complexities of the dissemination of this literature, either because it was written in the colonizer's language or even because of the divergence of opinions about colonialism among the authors themselves.

Keywords: Colonialism. Fortification. Mozambican Literature. Mozambicanity. O mesmo resumo em português, deverá ser apresentado em outro idioma.

Keywords:

¹ Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará.

² Titulação. Prof. Dr. Luís Tomás Domingos/ UNILAB

1 INTRODUÇÃO

O Imperialismo, período de expansão territorial das potências europeias iniciado no século XIX, apresenta consequências negativas até os dias atuais. Assim como aconteceu no continente africano, diversas nações tiveram seus territórios invadidos e suas culturas e tradições desprezadas, tendo sido imposta a elas a cultura europeia, considerada “superior”. Ainda que não seja possível mensurar a real dimensão das consequências decorrentes dessa dominação colonial, sabemos que esse período foi marcado por transformações fundamentais e revolucionárias.

Antes de todo processo de colonização, os povos africanos viviam em pequenos reinos e impérios, mantendo nessas comunidades uma organização própria. Com a chegada dos europeus, as estruturas de sociedade até então existentes foram desfeitas e muitos povos foram dizimados, fato que, além de ter gerado resistência e conflitos, foi considerado por muitos como irreversível. Além disso, a sociedade africana lutava pelos direitos de ter sua cultura e seus valores respeitados, do uso de sua língua-mãe e, conseqüentemente, o direito de desenvolver uma literatura própria, que retratasse verdadeiramente a história de seu povo e que servisse como mecanismo de luta contra a opressão. A dominação imposta pelos colonizadores impactou de maneira significativa a vida dos africanos em todos os seus segmentos, e a escrita certamente foi um deles.

A literatura moçambicana teve seu processo de estruturação de forma lenta, porém, persistente. É considerada uma literatura jovem, com aproximadamente 100 anos, e traz, em sua formação, os paradoxos e as complexidades de uma literatura implantada ainda como sistema colonial vigente e atuante. Os primeiros são decorrentes do próprio sistema colonial e de suas imposições, sejam elas de novos idiomas, aspectos culturais ou que envolvam todas as formas de violação de direitos. Já a complexidade decorre do fato da literatura moçambicana já ter iniciado de maneira “contaminada”, uma vez que era feita por escritores que tinham uma certa oscilação entre o colonialismo e o nacionalismo.

Estes autores, considerados como assimilados, eram negros, ou geralmente mestiços, que abraçavam a cultura portuguesa com o objetivo de garantir melhores condições de vida. Praticavam uma literatura que propagava a colonização e incentivava a igualdade entre o colonizado e o colonizador, mas que não fazia

qualquer referência à luta pela libertação do povo moçambicano, e não retratava a verdadeira realidade de Moçambique.

Dessa maneira, foi preciso desfazer todos esses pensamentos para, enfim, dar início à escrita que de fato representasse verdadeiramente a sociedade moçambicana. A formação da literatura desse povo traz, em seu contexto, a cultura e a história do país, sendo a imprensa um considerável veículo de divulgação durante todo esse período.

Dessa forma, é importante conhecer os aspectos da formação desse sistema literário, bem como alguns de seus principais autores e obras, desde seu início, ao final do século XIX, passando pelo fortalecimento do sentimento de moçambicanidade na primeira metade do século XX, até a sua consolidação como literatura nacional em 1975 e no pós-independência.

Assim, esse trabalho tem como objetivo principal apresentar, de forma sucinta, quais são as influências deixadas pelo colonialismo na literatura de Moçambique, trazendo os paradoxos e as complexidades decorrentes da difusão dessa literatura, seja pelo fato de ser escrita na língua do colonizador, ou até mesmo pela divergência de opiniões, entre os próprios autores, acerca da influência do colonialismo nas obras. Como objetivos secundários, esta pesquisa busca compreender quais são as fases de estruturação da literatura moçambicana, e por fim, quem são seus principais autores e quais suas temáticas.

2 A DOMINAÇÃO COLONIAL NA ÁFRICA E ATITUDES DE RESISTÊNCIA

Aimé Césaire (1978), em seu *Discurso para o colonialismo*, reforça o caráter descivilizatório do colonialismo, à medida que este regime tratava o outro com violência, assemelhando-o a um animal, retirando dele a sua integridade de ser humano. Ora, se o objetivo era civilizar aquelas nações, consideradas selvagens e pagãs, a contradição estava na violenta dominação que transformava o colonizado em coisa, em instrumento de produção, “nenhum contacto humano, mas relações de dominação e de submissão que transformavam o homem colonizador em *criado*, *ajudante*, *comitê*, *chicote* e o *homem indígena em instrumento de produção*” (CÉSAIRE, 1978, p. 25).

A conquista e a ocupação do continente africano ocorreram de forma rápida e espantosa, pois, até os anos de 1880, poucas áreas estavam sob o domínio colonial, estando este restrito apenas à zona costeira da África Ocidental, e a algumas regiões da África Meridional. Na África Setentrional, havia a presença dos franceses na Argélia e, na África Central, os portugueses ocupavam a faixa costeira de Moçambique e de Angola. Na África Oriental, por seu turno, não havia ocupação por parte dos europeus (BOAHEN, 2010). Porém, já nos anos seguintes, a África foi tomada e colonizada pelas potências imperialistas, com exceção da Etiópia e da Libéria.

Contribuíram para essa dominação colonial na África as missões religiosas e dos exploradores, a Revolução industrial através dos avanços da medicina, ou mesmo porque proporcionou o maior enriquecimento dos países europeus, fazendo com que nenhum país africano estivesse em condições de competir com eles financeiramente, a instabilidade e conflitos entre os próprios africanos, que comumente se uniam com os invasores europeus contra seus vizinhos, e a união dos países europeus. Assim, o continente africano foi partilhado em colônias que em nada respeitaram as especificidades culturais e a organização preexistentes, esse fato, privou os africanos de sua soberania e de sua independência, eles perderam também o direito a manter seus valores culturais, suas línguas e seus costumes e gerou resistência e muitos conflitos (BOAHEN, 2010).

Todavia, o processo de implementação do colonialismo no continente africano não foi fácil e nem ocorreu de forma homogênea, pois são muitas as visões acerca dos benefícios e dos prejuízos a que esse povo foi submetido: para os apologistas do imperialismo, a mudança significava progresso, estando este grupo baseado em uma crença de que essas sociedades tradicionais são fundamentalmente estáticas e defasadas, e que elas precisariam da ajuda de nações mais modernas para alcançarem o desenvolvimento.

Por outro lado, os nacionalistas defendiam que as mudanças pelo processo de colonização significavam desordem, instabilidade e incertezas (BOAHEN, 2010, p. 45). Recentemente, pesquisadores demonstraram que as teorias que defendiam a colonização como benéfica para o avanço e o progresso estavam equivocadas, pois as nações africanas eram produtos de milênios de evolução. Ademais, havia ainda a confusão gerada entre os próprios chefes africanos, que não sabiam se aceitavam a

“ajuda” dos colonizadores para o desenvolvimento ou se resistiam e lutavam, mesmo sabendo das grandes chances que tinham de perder a batalha.

O fato é que os prejuízos causados pela colonização são imensos, envolvendo desde aspectos políticos e sociais, até a descaracterização da cultura de todo um povo que, ainda que de forma voluntária ou forçada, se submeteu a um progresso que, do ponto de vista cultural, social e econômico, trouxe muitos retrocessos.

A partir de então, muitas mudanças ocorreram para as nações subjugadas. Além da própria conquista e de todas as implicações políticas dela decorrentes, houve também a introdução da educação e da religião ocidental e de forças econômicas, além do desenvolvimento da urbanização. Nesse contexto, surgem as novas organizações sociais, étnicas e sindicais, a fim de tentar ajudar a sociedade a se ajustar às novas normas (BOAHEN, 2010). segundo Boahen (2010), essas mudanças desconfiguraram o modo de vida africano, adicionando-lhe novas estruturas sociais e muitos conflitos:

[...]a resposta é clara e inequívoca: na sua esmagadora maioria, autoridades e dirigentes africanos foram profundamente hostis a essa mudança e declararam -se decididos a manter o status quo e, sobretudo, a assegurar sua soberania e independência, pelas quais praticamente nenhum deles estava disposto a transigir, por menos que fosse. Tal resposta pode ser encontrada nas declarações dos dirigentes africanos da época. (BOAHEN, 2010, p. 3 – 4.).

Vemos, portanto, que sempre existiram resistências africanas em relação à presença colonial. Contudo, a facilidade e a rapidez com que as nações europeias conseguiram ocupar um continente ainda é um mistério aos especialistas e historiadores. Assim, surgiram diversas teorias na tentativa de explicar esse fato (UZOIGWE, 2010) uma delas, seria a de que os africanos teriam recebido a *colonização de forma pacífica, não apresentando muita resistência. Segundo Ranger, “os povos africanos viram na chegada dos colonialistas um feliz acaso, que os libertava das guerras fratricidas, da tirania das tribos vizinhas, das epidemias e das fomes periódicas”*. (RANGER, 2010, p. 52). Essa visão errônea sobre a colonização difundiu-se entre aqueles que consideravam esse processo benéfico, caracterizando o movimento de rebeliões como primitivo e irracional, e não aceitando tratar-se de um movimento justo de libertação.

O trabalho de mapear e, de certa forma, de estruturar essas rebeliões era complexo, tendo em vista que ainda havia muitos conflitos desconhecidos, necessitando que os historiadores tivessem um maior rigor em suas descrições. Através desse mapeamento, foi possível conhecer melhor os movimentos de resistência de grande impacto (RANGER, 2010). Porém, essa resistência não aconteceu de forma homogênea, pois alguns estados entraram em colapso quando tiveram contato com as nações europeias. Isso aconteceu porque muitos africanos aceitaram de bom grado a colonização:

O aspecto mais importante do impacto europeu foi a alienação da soberania [...] Quando um povo perde sua soberania, ficando submetido a outra cultura, perde pelo menos um pouco de sua autoconfiança e dignidade; perde o direito de se autogovernar, a liberdade de escolher o que mudar em sua própria cultura ou o que adotar ou rejeitar da outra cultura". (AJAYI, 1968, p. 196 - 7).

Essa perda repentina do poder e da autoconfiança deixou muitos povos sem saber o que fazer ou como agir. Com isso, enquanto alguns deles resistiram e lutaram, outros ficaram completamente perdidos, aceitando o que lhes foi imposto, fato que causou a descaracterização de muitas nações. Nesse sentido, a "política indígena" contribuiu para espalhar essas ideias, usando dos próprios chefes do povo para servir de transmissores dos novos valores a serem seguidos e de novas ideias à população (BETTS, 2010). Entretanto, depois de um certo tempo, os métodos estabelecidos de imposição de poder já não surtiram mais efeito.

Felizmente, houve grandes movimentos de resistência que foram importantes no processo de libertação nacional, a exemplo da rebelião de 1917. A luta contra a opressão era a principal causa de resistência, abrangendo temas como a não aceitação à escravidão e ao tráfico negreiro, das religiões que lhes foram impostas e de um sistema econômico que excluía as comunidades africanas e que só visava o lucro para as metrópoles europeias.

Os movimentos de resistências locais e anteriores ao movimento de libertação nacional foram de grande importância para o fortalecimento da nação, preparando-os para o conflito maior que estava por vir e mostrando-lhes o caminho a ser seguido. Esses conflitos anteriores, embora regionalizados e aparentemente sem grande impacto, trouxeram aos africanos uma motivação maior e foram até motivo de

orgulho, por ainda serem capazes de lutar em meio a tantas dificuldades e, assim, podendo sonhar novamente com a liberdade.

3 A FORMAÇÃO DA LITERATURA MOÇAMBICANA

A chegada dos europeus na África trouxe inúmeros danos sociais, políticos, econômicos e culturais, e fez com que a sociedade africana como um todo lutasse pelo direito de ter a sua cultura e os seus valores respeitados, bem como o direito de uso de sua língua e, como consequência, o de uma literatura própria, que retratasse verdadeiramente a história de seu povo e que servisse de mecanismo de luta contra a opressão.

A literatura moçambicana teve seu processo de estruturação de forma lenta, porém, persistente. É considerada jovem, e traz em sua formação os paradoxos e as complexidades de uma literatura implantada ainda como sistema colonial vigente e atuante (NOA, 2008). A poesia foi o gênero predominante em sua primeira fase de formação. No século XIX, surgiram círculos culturais e literários, cujo imaginário e interesses estavam profundamente enraizados e identificados com a cultura portuguesa. Ainda nesse mesmo século, surge a imprensa Moçambicana, veículo de demasiada importância para a divulgação de textos literários e também ferramenta de pressão a favor da independência:

Se é verdade que desde o século XVIII circulavam na então colônia de Moçambique textos alicerçados não só em padrões estéticos predominantemente europeus, mas também escritos por autores de origem portuguesa, será nos inícios do século XX que, efetivamente, surgirão as primeiras elites letradas de origem africana, responsáveis por textos que se instituirão como os verdadeiros precursores da literatura moçambicana. (NOA, 2008, p. 36)

Como afirmado anteriormente, os autores de origem portuguesa eram classificados por Noa (2008) como assimilados. A partir disso, surge o termo “pêndulo dos assimilados”, fazendo referência a esses autores que tinham uma certa oscilação entre o colonialismo e o nacionalismo, com uma visão bastante contaminada pela cultura portuguesa.

Eles praticavam uma literatura que propagava a colonização e incentivava a igualdade entre o colonizado e o colonizador, mas não faziam referência à luta pela libertação e não retratavam a verdadeira realidade de Moçambique, deixando, assim,

de valorizar o seu país. Alguns exemplos desses autores, precursores da literatura moçambicana e que compartilhavam essa visão, são João Albasini, Rui de Noronha e Antero de Quental, entre outros (NOA, 2008).

No século seguinte, a partir da década de 1940, surge uma nova fase, na qual os escritores retratam de fato a realidade moçambicana, trazendo, em seus romances, o despertar para a consciência literária e nacionalista. Alguns exemplos de escritores deste movimento, denominado de “geração do itinerário”, são Noémia de Sousa, José Craveirinha e Rui Knopfli, entre outros (NOA, 2008). É possível perceber o despertar de consciência nacionalista a partir do poema “Imprecação”, de José Craveirinha (1963):

Mas põe nas mãos de África o pão que te sobeja e da fome de Moçambique dar-te-ei os restos da tua gula e verás como também te enche o nada que te restituo dos meus banquetes de sobras. Que para mim todo o pão que me dás é tudo o que rejeitas, Europa! (CRAVEIRINHA, 1963, p.10)

Esses autores demonstravam preocupação com diversas temáticas, evidenciando a revolta contra as injustiças da dominação colonial. Eles são, portanto, responsáveis pela construção da imagem da moçambicanidade.

Nessa fase de estruturação da Literatura de Moçambique, o conto tornou-se o gênero predominante. A prosa de ficção moçambicana surge na segunda metade do século XX, com o intuito de denunciar as agruras do colonialismo. Foram importantes, nesta fase, os autores João Dias (1926-1949) e Luís Bernardo Honwana (1942). Este momento é marcado por contos que trazem a realidade cotidiana vivida pela sociedade moçambicana, em que os autores utilizam o olhar das crianças e dos jovens para debater temas importantes como o preconceito, a opressão e a exploração: “as histórias de João Dias tentam desmascarar realidades sociais concretas, relacionadas com o estatuto do africano tanto no contexto colonial, como no espaço social português” (PETROV, 2001, p. 1).

O conto *Godido* (1952) representa as figuras de resistência e de luta do povo moçambicano. Já sobre a narrativa *Nós matamos o cão tinhoso* (1980), de Luís Bernardo Honwana, Saraiva (2017) analisa que “Um panorama sombrio vai se desvelando em jogos de meninice só aparentemente ingênuos”. Petrov (2001), por seu turno, observa na narrativa questões de domínio social, tais como exploração e segregação:

Na sua totalidade, as narrativas de Honwana visam denunciar as forças produtivas em jogo, o autoritarismo do Estado colonial, a opressão exercida pelas instituições do poder e pelo seu aparelho ideológico ou evidenciar certos aspectos de consciencialização social e de classe de determinadas personagens. (PETROV, 2001, p.3)

No início da década de 1960, surge então a denominada “poesia de combate” (Noa, 2008). Sem muita preocupação com a estética, ela retratava o desejo de luta vivido no início da luta armada, em 1964. Percebemos, dessa forma, que as obras desta fase marcam de forma significativa o contexto social vivido naquele momento, trazendo, de forma enraizada na literatura, palavras de denúncia, resistência e luta.

Na década de 1980, já no período pós-independência, uma nova fase se inicia. Denominada de “A viragem da consolidação” por Francisco Noa (2008), essa etapa foi marcada principalmente por dois fatores: a criação da Associação dos escritores moçambicanos (AEMO) em 1982, e o surgimento da revista *Charrua* em 1984:

Em meados da década 80, a literatura moçambicana vai conhecer uma revitalização notável quer pelo número dos autores e dos textos produzidos, quer pela qualidade e diversidade do que é publicado. É a explosão de uma liberdade subjetiva e criativa que vai permitir o relançamento de uma escrita que, nascida sob o signo de Prometeu, instituiu uma historicidade e uma aura próprias, em que o inconformismo do verbo e a inquietação indenitária se fundem na sua imagem de marca. (NOA, 2008, p. 41).

Neste período, destacam-se as obras de Ungulani Ba Ka Khosa e Paulina Chiziane, entre outros. Os textos trazem temáticas diversas, a exemplo do papel da mulher na sociedade e da guerra civil. Ungulani Ba Ka Khosa, em seu livro *Ualalapi* (1987), traz a moderna ficção moçambicana em um romance histórico, no qual “o autor critica os poderes políticos e tenta mostrar como a História pode ser mitificada para os usos desses mesmos poderes” (LEITE, 1995, p.54). Percebe-se também um resgate da identidade cultural devido à reabsorção da oralidade e aos processos típicos característicos de narrativas orais, tais como a presença de elementos sobrenaturais – representando, assim, a incorporação do imaginário tradicional (LEITE, 1995)

A introdução da escrita em uma sociedade de tradição oral causa desequilíbrio pelo fato de ser um ato fruto de imposição externa, que contribui para a

desvalorização das culturas tradicionais (LEITE, 1995). Desse modo, a escrita tornou-se um símbolo de negação da cultura, em que há uma quebra de tradição da oralidade através da introdução forçada da escrita pelos europeus. Em *Ualalapi* (1987), o autor problematiza o significado da escrita na sociedade moçambicana, trazendo a reflexão sobre o abandono da oralidade e das tradições culturais (LEITE, 1995). Da mesma forma, Paulina Chiziane traz, em seus romances, a oralidade como principal forma de transmissão, reforçando a sua importância como reafirmação cultural.

Vemos nessa fase, portanto, uma forte tendência ao resgate das narrativas orais como forma de reafirmação da identidade cultural, na tentativa de revalorização da tradição e da oralidade, buscando recuperar uma cultura que estava quase perdida após a introdução da escrita e da língua portuguesa. No próximo capítulo, serão abordadas as narrativas de resistência.

4 O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO DE LUTA E O PÓS-INDEPENDÊNCIA

A prosa de ficção moçambicana surge na segunda metade do século XX, ecoando as denúncias contra o regime colonial, tendo o conto como gênero principal. Os textos dessa fase têm como premissa principal denunciar a violenta realidade de exploração do trabalho negro, colocando a inocência das crianças como uma forma sucinta de relatar a dura realidade.

A revolta e o desejo de luta por dias melhores estão presentes em *Godido* (1953), de João Dias, um conto que traz à tona a exploração do trabalho negro em prol da acumulação de riqueza do homem branco e das metrópoles: “Um pedaço de carvão ardendo em uma mentalidade ávida de justiça. Ódio a civilizações tidas por superiores por nelas se esconder qualquer coisa de nefasto. Eis a imagem duma raça: Godido” (DIAS, 1953, p. 23).

Tanto o conto de Dias (1953) quanto a obra *As mãos dos pretos* (1980), de Luís Bernardo Honwana, trazem em suas narrativas o desejo de luta e a esperança de libertação através do olhar de duas crianças, impulsionadas por suas mães. No primeiro, a difícil vida de trabalho e de exploração vivida pelo garoto faz com que sua mãe tenha uma ideia emancipadora e a passe para seu filho, quando diz que “a vida estava um bocado além da mandioca e do chicote” (DIAS, 1953 p. 186), plantando nele o desejo por buscar novas formas de vida que não aquela, já que, ela mesma não tinha mais essa força para lutar. Petrov (2001) reforça que até mesmo o nome do

personagem – “Godido” – faz referência ao filho do imperador de Gaza, figura histórica que se tornou um mito na memória do povo de Moçambique (PETROV, 2001).

Já no conto *As mãos dos pretos* (1980), de Honwana, o menino-narrador demonstra preocupação com questões inerentes a sua idade e sua condição racial, visto que o personagem não era negro. Em sua inocência, ele questiona as respostas dadas pelas pessoas que eram suas referências, mas que, por sua vez, tinham pensamentos muito diferentes dos seus. Influenciada por sua mãe, o menino compreendeu que aquelas concepções foram criadas por mentalidades coloniais e que precisavam ser desfeitas.

Ao concordar que sua mãe tinha razão em falar que os homens são responsáveis por suas ações e que eles mesmos propagam ideologias opressivas e racistas, outra ideia não teve espaço na cabeça do menino, pois este tinha um pensamento parecido com o de sua mãe. Observa-se, assim, que

As estruturas dos dois contos aqui analisados revelam paulatinamente as ideias que se sobressaem de uma sociedade condenada à colonização, na qual os valores que emergem, os hegemônicos, são sempre os daqueles que estão no poder, ou seja, os colonizadores. Exibindo essa realidade implausível de opressão e exploração acabam por colocá-la em xeque, projetando suas personagens, tanto de um lado quanto de outro, para a resistência. (SILVA, 2016, p. 183).

Cada um à sua maneira, os dois contos mostram o importante papel dessas duas mães na emancipação física e, principalmente, intelectual de seus filhos. Assim, percebemos o nascimento de uma nação de luta, cujo desejo de liberdade já vinha sendo implantados desde o berço. Essa luta que estava ainda sendo gerada no ventre e nas mentes de muitos negros africanos, assim como na de outros, não negros com mentalidade anticolonialista, o que aconteceria nos anos posteriores, durante a luta pela libertação.

Na atualidade, a literatura romancista moçambicana está voltada para temáticas da seguinte linha: as contradições da elite política; questões de gênero, como a minoração da mulher; a recessão econômica; a ilícita troca de favores entre detentores de bens, a corrupção; as múltiplas formas de fuga à lei; o convívio com os fantasmas do passado [colonizadores]; a maliciosa gestão dos produtos racionados; o encerramento da nação em si mesma; entre outros (CAN, 2012).

Dentre as muitas obras que se destacam nesse período, a *Crônica da Rua 513.2* (2006), de João Paulo Borges Coelho, exemplifica a situação vivida no fim das eras colonial e do pós-independência e os conflitos internos desse período de transição. Segundo CAN (2012),

Enquanto espaço misto, sobrecarregado de imagens de um cotidiano que tanto pode ser a caricatura dum país convulso em transição como a face de formada de outros mundos, a Rua 513.2 constitui um lugar de interrogação, que nada pretende definir, mas que muito quer evocar. (CAN, 2012, p.204)

Assim, a crônica traz uma proximidade da história real de forma irônica e desencantada, exemplificando a complexidade de descrever esse período tão confuso, posterior à revolução moçambicana. O texto traz questões como inferiorização da mulher, economia e libertação dos laços da colonização, dentre outros (CAN, 2012). Já de início, demonstra-se uma grande importância a três pontos: o tempo, a rua e o espaço, apresentando a convivência dos moradores da rua e a implantação do socialismo, ao passo em que se discute de forma crítica o cotidiano de transformações. Dessa forma, o número '2', que representa a ambivalência nessa transição de governo, é retirado de seu lugar habitual e alocado na parte posterior, como forma de deixar a utopia de liberdade para trás.

Outros dois autores que se destacam no período pós-colonial são Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa, “pela qualidade e inovação de propostas temáticas formais” (LEITE, 1995, p. 53). Suas obras trazem uma preocupação diferente dos modelos anteriores à independência, deixando de ser uma poesia militante, de luta e de construção da pátria, para tornar-se instrumento de reflexão sobre o presente e o passado. Segundo Leite (1995), nesse período, podem ser observadas duas fases: a primeira, textual, que recupera alguns aspectos estruturais do gênero épico, trazendo a exaltação heroica como principal eixo; e uma segunda, que “problematiza e questiona os valores heroicos, e por isso mesmo em termos geológicos, vai procurar as formas mais adequadas à sua procura dos sentidos críticos e paródicos” (LEITE, 1995, p.53).

Na obra *Um rio chamado tempo e uma casa chamada terra* (2003), de Mia Couto, Marianinho, personagem principal e narrador, precisa se reconectar com um mundo tão distante da sua realidade, sendo a ele atribuída a responsabilidade de cuidar de tudo aquilo para seu avô, de forma a colocar ordem e devolver tudo ao seu

lugar, aprendendo uma nova realidade, na qual o tempo é quem rege a vida e não o contrário (SARAIVA,2012).

Essa mudança do moderno para o passado não era ditada pelas regras do homem contemporâneo. Por isso, foi visto em Marianinho um espírito de respeito às tradições; mesmo que ele, até o momento, não fizesse parte daquele mundo, a partir de que conheceu a ilha, ele passou a respeitá-la. Sendo assim, foi incumbido de ser o seu guardião e o responsável por regar a casa, que era a terra, e garantir seu futuro. Nesse romance, Mia Couto faz uma alusão à própria Moçambique do passado, presente e futuro, reforçando a ideia que é importante que o presente respeite o passado, a cultura e as tradições, para que haja a garantia do porvir.

Já nas obras de Ungulani Ba Ka Khosa, o autor questiona o presente e o passado, criticando o uso da política para mitificar a história. Nelas, também se percebe um resgate cultural e uma reabsorção dos modelos de oralidade (LEITE, 1995). Esse autor traz modernização da ficção moçambicana já na introdução do romance, com personagens históricos em suas narrativas:

A narrativa histórica contemporânea parodia certos processos do romance histórico romântico como por exemplo o seu realismo e a sua função didática. Esta última é substituída pela função crítica de questionar, reinventar, alterar a, ou repouso, uma diferente leitura e interpretação do passado. (LEITE, 1955, p. 55).

A exemplo, citamos a obra *Ualalapi* (1987), que conta a história de Ngungunhane, imperador de Gaza, que deixou de ser símbolo de derrota do povo de Moçambique para tornar-se herói nacional, reconhecido inclusive pelo governo da Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO, justificando-se pela função de reforçar a consciência nacional. Porém, Khosa traz em seu livro a verdadeira história do último imperador de Gaza, retratando-o em sua realidade e trazendo a crítica ao jogo político ali empregado, classificando-o como nacionalismo barato. Inocência Mata (2000) chama esse fato de “estratégia contra discursiva – cujo objetivo é a deslegitimação de um projeto de nação monocolor pensado sob o signo da ideologia nacionalista” (MATA, 2000 *apud* DUARTE, 2017).

Da mesma forma, Paulina Chiziane, no seu conto *Quem manda aqui?* (2013), faz uma análise da verdadeira história de Ngungunhane, demonstrando uma

imagem do imperador como prepotente, arrogante e intolerante (DUARTE, 2017).

Assim,

É nesse contexto de sensíveis transformações que grande parte dos escritores moçambicanos, desencantados com o dogmatismo socialista e atentos para os limites da história oficial proposto pela FRELIMO, começaram a produzir obras ficcionais que, de alguma maneira, discutem e reinterpretam a dinâmica história moçambicana. (GALLO, 2018, p.138).

Desse modo, vemos a intenção clara de ambos os autores em desmitificar o último imperador de Gaza, trazendo a discussão sobre quem ele realmente era e qual a intenção por trás da sua ascensão a herói.

De modo geral, as obras do período do pós-independência também retratam o difícil momento vivido, marcado por medos e incertezas. Sob o comando da FRELIMO, sugeriam-se Unidade, Trabalho e Vigilância e, até mesmo, uma reeducação política:

O trabalho coletivo e a ideia de coletividade socialista foram uma das principais apostas do governo pós-independente para o desenvolvimento de Moçambique no campo e na cidade. Produzir mais, melhor e mais barato era o pressuposto do trabalho coletivo, que também serviria para acabar com os obscuros e retrógrados hábitos “tradicionais-feudais”, como o lóbulu, o curandeirismo, a poligamia, e abolir a herança colonial repleta de vícios e individualismo. (GALLO, 2018, p. 142).

A busca era pela unidade territorial e linguística, como tantas vezes repetida por Samora Machel: “de Rovuma a Maputo”. Com a tentativa de implantação do socialismo, ele buscava trazer a união a Moçambique, “A idealização de um só povo, uma só nação, uma só cultura” (GALLO, 2018, p.146), mesmo que na prática nada tivesse mudado de fato. O sonho de independência estava longe do que havia sido planejado. Diversos grupos apresentaram resistência à frente de comando, como, por exemplo, o Resistência Nacional Moçambicana – RENAMO, demonstrando que esse não seria um período fácil. De fato, muito ainda havia que se trabalhar para se ter a liberdade, tanto física quanto intelectual – era momento de desconstrução e de reconstrução de uma nação já tão marcada pelo colonialismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura moçambicana teve um lento e constante processo de formação, e, ainda hoje, encontra-se em construção. A princípio, na sua primeira fase de estruturação, tratava-se de uma escrita assimilada, tendo a poesia como gênero predominante, feita por escritores, em sua maioria mestiços, e que tinham uma certa oscilação entre o colonialismo e o nacionalismo. Mostrava o colonialismo como vantajoso, pregava a igualdade entre colonizador e colonizado e não se referia à luta pela independência. Percebe-se, nesta fase, que o imaginário e os interesses estavam profundamente enraizados e identificados com a cultura portuguesa, e que a literatura era utilizada como instrumento de convencimento para fazer propaganda do colonialismo e passar para as pessoas a imagem de algo bom.

Posteriormente, observou-se o surgimento das primeiras obras de representação nacional, que traziam, em seus romances, o despertar para a consciência literária e também nacionalista, preocupando-se com diversas temáticas e demonstrando a revolta contra as injustiças da dominação colonial, sendo elas responsáveis pela construção da imagem da moçambicanidade.

Nesta fase, vemos retratados nos romances o cotidiano a dura realidade vivida pelos negros colonizados, e percebemos a revolta e o desejo de luta já nascendo e sendo implantados nas mentes e corações africanos. O conto tornou-se o gênero predominante, e a prosa de ficção moçambicana, que surge na segunda metade do século XX, tem o intuito de denunciar as agruras do colonialismo, apresentando obras que marcam de forma significativa o contexto social vivido naquele momento, e trazendo enraizado palavras de denúncia, resistência e luta.

No período pós--independência, na década de 1980, uma nova fase se inicia, marcada pelo surgimento da imprensa, um importante veículo de informação e de denúncia da época. Os textos dessa fase trazem diversas temáticas, como o papel da mulher na sociedade, a guerra civil e política, entre outros. Percebe-se também nessa fase um resgate da identidade cultural devido à reabsorção das narrativas orais e à crítica pela introdução forçada da língua do colonizador, o que contribui para a desvalorização das culturas tradicionais.

Na atualidade, a literatura romancista moçambicana está voltada para temáticas variadas. Suas obras retratam a realidade e as problemáticas do pós-independência como questões políticas e de gênero, de economia de corrupção, entre outros, trazendo à tona o difícil processo de nascimento de uma nação. Assim,

percebemos que a literatura moçambicana evoluiu da sua condição nacionalista, e agora sente a necessidade de repensar o país (MATA, 2000). Assim, estando em um constante processo de construção, a literatura de Moçambique possui uma história cultural, assim como nos demais países africanos colonizados, em que a colonialismo português acrescentou marcas indissolúveis em sua construção literária.

Portanto, em todas as fases do processo de estruturação da literatura moçambicana, vemos a influência do colonialismo, que produz um diálogo inseparável com o meio em que emerge. Durante essa pesquisa, e mediante a leitura de diversas obras, foram observadas fases de estruturação em que se percebem marcas e elementos remanescentes do processo de colonização. O colonialismo português foi retratado em inúmeras obras de autores, sejam prós ou contras à colonização, que apresentavam os paradoxos e complexos do período colonial. Paradoxos, pois se iniciaram com o próprio sistema colonial, suas imposições e todas as formas de violação de direitos; e, complexos, por já ter se iniciado de maneira “contaminada”, feita por escritores que oscilavam entre o colonialismo e o nacionalismo.

Assim, vemos que colonialismo deixou marcas na vida dos moçambicanos, que estão retratadas nos romances, contos e poesias, tanto em todo período colonial como no período pós-independência, mostrando a realidade vivida e a permanente luta desse povo. E, ainda na atualidade, permanece em formação, na busca por romper os laços coloniais e pós-coloniais, fortalecendo-se enquanto sistema literário nacional.

REFERÊNCIAS

AJAYI, J. F. A. s.d. “E continuity of African institutions under colonialism”. *In*: RANGER, T. O. (org). **Emerging emes of African History**. 1968. p. 189-200.

BETTS, R. F. A dominação europeia: métodos e instituições. *In*: BOAHEN, A. A. (Editor). **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 13, pp. 352 - 375.

BOAHEN, A. A. A África diante do desafio colonial. *In*: BOAHEN, A. A. (Editor). **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 1, pp. 1-20.

CAN, N.. Os fantasmas da revolução em Crónica da rua 513.2, de João Paulo Borges Coelho. **Via Atlântica**, [S. l.], n. 21, p. 201-205, 2012.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

CHIZIANE, P. **As andorinhas**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

COELHO, J. P. B.. Crônica da Rua 513.2. Maputo: Ndjira, 2006; São Paulo: Editora Kapulana, 2020. P. 11-63.

COUTO, M. **Um rio chamado Tempo, uma casa chamada Terra**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

CRAVEIRINHA, J. Hino à minha terra. In: CRAVEIRINHA, J. **Chigubo**. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1963, p. 30-32.

DIAS, J. Godido. In: DIAS, J. **Godido e outros contos**. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1952. p. 17-36.

HONWANA, L. B. As mãos dos pretos. In: HONWANA, L. B. **Nós matamos o cão tihoso**. São Paulo: Ática, 1980.

GALLO, F. A intestina batalha socialista moçambicana através de Crônica da Rua 513.2, de João Paulo Borges Coelho. **ABRIL - Revista do NEPA/UFF**, Niterói, v. 10, 2018, p. 135-150.

KHOSA, U. B. K. **Ualalapi**. Lisboa: Caminho, 1990 [1987].

LEITE, A. M. A dimensão anti-épica da moderna ficção moçambicana: Ualalapi de U. B. K. Khosa. **Revista Discursos**, São Paulo, n. 9, 1995.

MATA, I. O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE ESTUDOS DE ÁSIA E ÁFRICA, 1. 2000, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: 2000.

MONDLANE, E. **Lutar por Moçambique**. Maputo: Coleção nosso chão, 1995.

NOA, F. Literatura moçambicana: os trilhos e as margens. In: Ribeiro, M. C. et alii. **Moçambique – Das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008, p. 35-45.

PETROV, P. Transparências e ambiguidades na narrativa moçambicana contemporânea. In: Anais do CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LITERATURA COMPARADA, IV, v. I., 2001. **Anais...** Évora: Universidade de Évora, 2001.

RANGER, T. O. Iniciativas e resistência africanas em face da partilha e da conquista. In: BOAHEN, A. A. (Editor). **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. Cap. 3. p. 51- 72.

SARAIVA, S. S. O luso, o trópico e o cão tihoso nas revelações literárias de Honwana. **Revista Internacional - África em Língua Portuguesa**, Lisboa, v. IV, nº 32, 2017, p. 145-160.

SILVA, R. V. R.; MATTOS, T. R.. João Dias e Luís Bernardo Honwana: considerações sobre a representação do conceito de trabalho nos contos “Godido” e “As mãos dos pretos”. **Navegações**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, 2016, p. 176-184.

TEIXEIRA, V. R. U. Paulina e as várias faces de Ngungunhane. **Mulemba**, Niteroi, RJ, v. 5, n. 8., 2013.

UZOIGWE, G. N. Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In: BOAHEN, A. A. (Editor). **História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010. C ap. 2, p. 21-50.